



Fé no populismo: Ascensão e representação evangélica na política

*Faith in populism:
Evangelical rise and representation in politics*

Nelson Lellis¹⁵⁰

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Resumo: Populismo é um termo que tem sido utilizado na América Latina desde a década de 1960, o que fez reposicionar a interpretação de cientistas sociais para governos anteriores. Contudo, populismo trata-se de um conceito não estático, carregando possibilidades de novas características mediante adequações, contextos, comportamento. Portanto, o presente artigo tem como interesse observar o público evangélico – em ascensão –, cuja parcela busca construir um povo-nação-evangélico adequando seus interesses em pautas políticas, mas também como um grande alvo de personagens políticos carismáticos que veem, nessa relação, a possibilidade de representação de suas demandas. Com isso, a partir de uma discussão teórica e considerando o crescente interesse de representação de evangélicos na política, descrever essa relação com os governos Bolsonaro e Lula, e a que pautas – entre conservadores a identitários – estes buscam encarnar para se tornarem homem-povo.

Palavras-chave: Populismo. Evangélicos. Representação Política.

Abstract: Populism is a term that has been used in Latin America since the 1960s, which has repositioned the interpretation of social scientists to past governments. However, populism is not a static concept, carrying the possibility of new characteristics by means of adaptations, contexts, behavior. Therefore, this article is interest in observing the evangelical public – in the rising - which part of the group is trying to build evangelical-people-nation by adapting their interests to political planner, but also as a big target for charismatic political figures who see, in this relationship, the possibility of representation their demands. So, in mind theoretical discussion and considering the growing interest in representation of evangelicals in politics, to describe this relationship with the Bolsonaro and Lula governments, and what planner - between conservative to identitarian - they seek to incarnate in order to become a people-man.

Key-words: Populism. Evangelicals. Political Representation.

¹⁵⁰ Pós-doc em Políticas Sociais e doutorado em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); mestrado em Ciências das Religiões; pós-graduação em Ensino Religioso e graduação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV); graduação/licenciatura em Sociologia (Fac. Venda Nova do Imigrante). Atualmente, como bolsista recém-doutor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS-UENF) (pós-doc). Ator e Diretor de Teatro. Contato: nelsonlellis@gmail.com

Introdução

O populismo é um termo amplo, cheio de armadilhas, ambiguidades e deve ser interpretado dentro de seus contextos temporais e geográficos. Isso porque a história permite reflexões cada vez mais densas e outras características que são anexadas ao conceito mediante as diferentes atuações nacionais. Para além disso, há facetas do populismo inclinado às pautas da (extrema)direita e da (extrema)esquerda. Somos convidados sempre à uma leitura criteriosa acerca desse conceito que é visto por Enzo Traverso não como uma ideologia, mas como um “estilo político”¹⁵¹. Entre os analistas latino-americanos, o conceito só começou a ser utilizado a partir da década de 1960, observando personagens como Jorge Eliécer Gaitán (Colômbia), Juan Perón (Argentina), Getúlio Vargas (Brasil), Lázaro Cárdenas (México). Contudo, nas palavras de Rosanvallon “o fato de as sociedades contemporâneas terem se tornado sociedade de indivíduos [...], convida a pensar o populismo atual no quadro das indeterminações estruturantes da própria democracia”¹⁵².

Em termos teóricos, adoto a análise crítica de Pierre Rosanvallon sobre o populismo, embora ele mesmo admita que o conceito não é uniforme ou estático. Para a constituição de “povo”, a contribuição de Ernesto Laclau¹⁵³ que entende o povo como uma identidade coletiva formada a partir de elementos que ajudam a *cimentar* seus membros. Quanto ao historiador francês, observa que existem diferentes manifestações de populismo ao redor do mundo, cada uma com suas particularidades históricas, culturais e políticas. Portanto, é importante compreender o populismo em seu contexto específico, levando em consideração suas variações e características peculiares. Seus estudos ajudam a pensar o populismo como uma resposta ao enfraquecimento dos partidos políticos tradicionais e à falta de representatividade das instituições democráticas, surgindo como uma mobilização política que busca estabelecer uma conexão direta entre o líder populista e as massas, contornando os processos de representação e mediação presentes nas democracias liberais.

Historicamente, como ocorreu na França do século XIX, Bonaparte trouxe uma fórmula de personalização do poder fazendo acreditar que o imperador não seria um homem, mas um povo. A democracia deveria ser, portanto, personificada em um homem. Na interpretação de Rosanvallon¹⁵⁴, a figura dos representados assumiria substantivamente a figura do representante. Dentro desta configuração, há que se identificar de que povo falamos e de que “homem-povo” temos como representação-encarnação das demandas sociais. Tal análise tem ressonância nos estudos de Bernard Manin¹⁵⁵, ao afirmar que vivemos na terceira fase da democracia, conhecida como democracia de auditório (ou de audiência), que é a fase em que o eleitor conhece seu candidato a partir do marketing produzido pelas mídias, fazendo com que seu voto seja

¹⁵¹ TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Âyiné, 2021, p. 29.

¹⁵² ROSANVALLON, Pierre. *O século do populismo: história, teoria, crítica*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2021, p. 204-205.

¹⁵³ LACLAU, Ernerto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

¹⁵⁴ Rosanvallon, 2021, p. 150s.

¹⁵⁵ MANIN, Bernand. *Los principios del gobierno representativo*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

destinado a um personagem cuja característica seja de um militante, ou de um político de carreira, dentre outros com performance semelhante.

Este artigo busca desenvolver o tema da *fé no populismo*, cujo foco de determinado grupo da sociedade religiosa brasileira seria promover uma espécie de “salvador da pátria”; e do *homem-povo*, cujo carisma (em termos weberianos) atrairia para si os interesses de determinado grupo da sociedade. Iniciando pelo avanço dos evangélicos na política, apresento parte do contexto nacional que permite analisar tal inserção, destacando candidaturas que acompanham títulos religiosos. Esse cenário é importante para a costura que faremos na segunda seção, uma vez que o segmento religioso evangélico se tornou um volumoso campo de interesses políticos e sua participação como “povo” na esfera pública trouxe e traz implicações concretas na relação com atores populistas. As duas seções ulteriores trazem notas que verificam a atuação dos personagens mais antagônicos na atmosfera das eleições desde 2018: Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Digo *atmosfera* porque o candidato Lula foi impossibilitado de participar das eleições por ter sido preso (durante 580 dias) pelo juiz Sérgio Moro, cuja suspeição no processo fora julgada em 2021 pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por 7 votos a 4.

A intenção de trazê-los ao debate é observar teoricamente as diferentes faces do populismo e a relação de ambos com o setor evangélico que, como disse, é também um grupo que se tornou o “bezerro de ouro” para muitos. Consequentemente, a relação desse “estilo político” com parte do referido movimento religioso, não pode mais ser visto separadamente. Quanto à seção que discute a participação do ex-presidente Lula, trago como proposta o termo *popululismo*, discutindo suas ações políticas no âmbito dos projetos sociais e avaliando este conceito nas eleições de 2022.

1. Do avanço dos evangélicos na política

No ano 2000, a população evangélica era de 15,4%. Este número passou para 22,2% em 2010. Destes, 13,4% se declararam de origem pentecostal/neopentecostal, 4,1% de evangélicos de missão e 4,9% de evangélicos não determinados.¹⁵⁶ Com base nos dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE),¹⁵⁷ em 2010, os candidatos evangélicos representavam 1,0% do total. A porcentagem aumentou no ano de 2014 para 1,29%. O número de candidatos evangélicos de um pleito para o outro cresceu de 226 para 328. Registra-se a seguinte porcentagem para candidatos autodeclarados religiosos à Câmara dos Deputados nos pleitos de 2010 e 2014 (os dados de 2018 serão apresentados a seguir):

Tabela 1 Candidatos autodeclarados religiosos (%).¹⁵⁸

Candidatos	2010	2014
Outros	98	98
Religiosos	2	2
Total	100	100

¹⁵⁶ IBGE. *Censo 2010* [online].

¹⁵⁷ TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL – *Eleições* [online].

¹⁵⁸ *Banco de dados do autor*. Os dados fizeram parte de projeto de pesquisa com Leonardo Gonçalves de Alvarenga, a quem agradeço pela composição conjunta das informações.

Ao desmembrarmos religiosos em categorias, o grupo de evangélicos sobressai ao grupo dos católicos (%):

Tabela 2
Candidatos por títulos religiosos (%).¹⁵⁹

Designação	2010	2014
Pastor(a)	58	65
Irmã(o) ¹⁶⁰	16	18
Bispo	7	7
Padre	7	2
Outros ¹⁶¹	13	9

Não apenas líderes evangélicos, mas houve, igualmente, um avanço considerável de membros deste segmento. A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) ajuda a mensurar tal afirmação.¹⁶² Acompanhando as clivagens desta bancada, em 2010 o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) identificou 73 parlamentares evangélicos.¹⁶³ Embora a FPE leve o nome de um só segmento religioso, há também os que se alinham ao grupo através de determinadas pautas que interessam a instituições religiosas. Neste caso, não só pastores, mas bispos, missionários, sacerdotes católicos, cantores do setor gospel.

Para o ano de 2014, o objetivo era ultrapassar 100 vagas na Câmara. Foram eleitos 88. Já nas eleições de 2018, candidataram-se 326 pastores(as) e 18 padres.¹⁶⁴ A meta era alcançar 150 deputados federais. Neste pleito, 70 (dos 88) tentaram reeleição, mas apenas 41 permaneceram. Foram eleitos 78 deputados federais evangélicos. Ou seja, um decréscimo de 10 deputados deste segmento. A FPE, para a 55^a Legislatura, agregou parlamentares de 18 denominações diferentes, predominando igrejas pentecostais, como Assembleia de Deus (23 deputados), seguida da Igreja Universal do Reino de Deus (17 deputados) e Batista (12 deputados).¹⁶⁵ Os números apontam para outra informação: dos 22 partidos, 19 foram identificados como de orientação de direita e centro-direita.¹⁶⁶ Na Legislatura seguinte (2022-2027), as igrejas com maior representatividade na Câmara dos Deputados são: Assembleia de Deus (25), Batista

¹⁵⁹ Fonte: *Banco de dados do autor*.

¹⁶⁰ Irmã(o) é o mesmo que crente, membro de uma comunidade evangélica.

¹⁶¹ A categoria em questão agrupa as seguintes designações eclesiais: Reverendo, Presbítero, Missionário, Apóstolo.

¹⁶² PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo soc.*, v. 29, p. 187-214, 2017.

¹⁶³ DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR (DIAP). *Eleições 2018: Bancada Evangélica cresce na Câmara e no Senado, 2018* [online].

¹⁶⁴ *Banco de dados do autor*.

¹⁶⁵ DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR (DIAP), 2018 [online].

¹⁶⁶ CUNHA, Magali. *Nem a Bancada Evangélica resiste ao vendaval*. Carta Capital, 09/10/2018 [online].

(15) e Universal do Reino de Deus (14), que reúnem 58% dos 93 parlamentares evangélicos (Fonseca, 2023).¹⁶⁷

Em entrevista, o cientista da religião Paulo Barrera Rivera entende que o crescimento de candidatos “abertamente evangélicos” pode ser explicado pela crença pentecostal de que “uma de suas missões é a prática política – não apenas em lugares secundários, mas como protagonista”¹⁶⁸. Rivera interpreta que as denominações religiosas que se envolvem com a política auxiliam os candidatos com tons messiânicos. Muitos dizem: “Estou fazendo porque Deus me mandou e estou certo de que vou ganhar”¹⁶⁹. A presença dessas igrejas na mídia cria e/ou orienta um volume significativo de votos e as lideranças pentecostais possuem suas alianças políticas “em nome das instituições religiosas”¹⁷⁰.

Há um outro aspecto, levantado por Machado¹⁷¹ (2006), mais especificamente sobre a tradição (neo)pentecostal, que é o tripé de determinadas igrejas para se alcançar o poder legislativo (dentre outros):

a) a *filantropia*, que busca estabelecer um vínculo clientelista, pois os atores que surgem como gerentes da redistribuição de benefícios são também os candidatos a cargos públicos;

b) a *mídia*, que garante visibilidade não apenas à igreja, mas, inclusive, aos seus candidatos;

c) a *política institucional*, que, além de ser retroalimentada pela presença da mídia e pela prática da filantropia, abriga a religião em sua missão de estender-se a outras posições institucionais com a finalidade de garantir um enraizamento maior nas instituições públicas.

Note que esses três movimentos dialogam com o estilo populista, sendo que o último vem carregado de polarização causada pelo aumento da divergência de extremos ideológicos, o que amplia a oportunidade da presença de personagens populistas. Portanto, a exposição da relação acima parece ser retroalimentada:

Igreja → candidato (pela igreja) → político (eleito) → igreja (filantropia)

Certamente, o papel da mídia e a utilização das redes sociais são elementos que ajudam a compor a imagem do sujeito carismático contribuindo para a falta de

¹⁶⁷ FONSECA, Nathallia. *As igrejas que dominam a nova ala evangélica na Câmara*. Agência Pública, 02/02/2023 [online].

¹⁶⁸ Cf. BRAGA, Mário. *Evangélicos crescem 45% entre eleições de 2010 e 2014*. Exame, 01/08/2014.

¹⁶⁹ Cf. LELLIS, Nelson. À espera de um novo messias? Diferentes níveis de engajamento sociopolítico da igreja. In: ALVARENGA, Leonardo; LEÃO, Luís. *Evangélicos de ponta cabeça*. São Paulo: Ed. Recriar, 2021, p. 179-202.

¹⁷⁰ Como desdobramento da relação entre evangélicos e política no pleito de 2018 (cf. RIVERA, Paulo Barrera; FIDALGO, Douglas. Patrimonialismo pentecostal: novo patamar das relações entre religião e política no Brasil recente. *Estudos de Religião*, v. 33, p. 77-99, 2019).

¹⁷¹ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

confiança nas instituições¹⁷², da polarização política e o fortalecimento do populismo¹⁷³ - assunto que demandaria uma pesquisa exclusiva. É possível, contudo, notarmos a emergência do segmento evangélico no cenário político que “começa com uma asserção coletiva de um novo ator” e, conseqüentemente, traz “à visibilidade novos atores, novas demandas e novas formas de configuração do poder e do vínculo social”¹⁷⁴. É neste quadro que políticos populistas são encontrados e que ajudam a desenvolver um projeto evangélico inclinado à construção de um “povo-nação” que se possa chamar de evangélico.

2. A construção de um “povo-nação-evangélico”

Antes de avançar, é importante conceituarmos o que Laclau entende como construção de um povo. Para ele, trata-se de uma constituição de uma identidade coletiva reunida em torno de demandas. Ou seja, a unidade de um sujeito coletivo não pode ser definida pela sua posição social ou por seus atributos compartilhados, e sim, por articulação de demandas. Essas demandas podem ser articuladas em vários setores, assim como na religião que, de acordo com sua insatisfação à determinada questão social, política ou de outra ordem, interpreta para seus fiéis a demanda onde todos se reconhecem – em suas palavras: “a necessidade de um cimento social que una os elementos heterogêneos [...] outorga centralidade ao afeto na constituição social [...] o laço social é um laço libidinal”¹⁷⁵.

Burity, seguindo a leitura laclauiana, entende que é especialmente a partir de 2014 que o movimento da emergência do segmento evangélico, em seu aspecto conservador, se assumirá como sujeito político constituído, cuja pretensão é “redefinir o povo-nação como povo evangélico”¹⁷⁶. O autor observa que esse crescimento ocorre desde a década de 1980, apesar de não ser considerado um “marco zero” desse movimento de inserção na política. Trata-se de expansão demográfica que implica na criação de um “ponto de virada”. Em minha interpretação, 2014 poderia ser considerado o desdobramento dos eventos e das narrativas em torno das eleições de 2010 (outro “ponto de virada”) que surgiram como efeito colateral de uma crise institucional (ou: maior crítica popular a determinadas instituições), bem como de um processo de maior inserção de evangélicos na política com a finalidade de “santificá-la” através de atores que assumissem pautas morais e de comportamento.

Por exemplo: em 2010 o discurso de muitos líderes religiosos tratava o Partido dos Trabalhadores (PT) como “iniquidade institucionalizada” que, conseqüentemente, apresentava algumas demandas e brechas no plano da moralidade e do comportamento. Por outro lado, a Aliança Batista do Brasil condenou os discursos de

¹⁷² MIGUEL, Luis Felipe. *Democracia e Representação: territórios em disputa*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

¹⁷³ NOGUEIRA, Marco Aurélio. *A democracia desafiada: recompor a política para um futuro incerto*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2023.

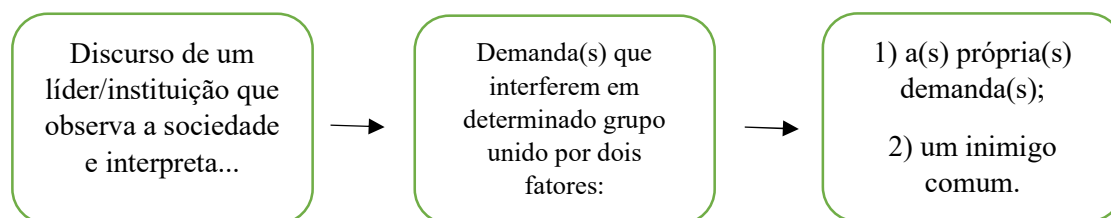
¹⁷⁴ BURITY, Joanildo. Prólogo. In: PANOTTO, Nicolás. *Religiões, política e Estado laico: novas abordagens para o contexto latino-americano*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 5-6.

¹⁷⁵ Laclau, 2018, p. 10.

¹⁷⁶ BURITY, Joanildo. *Minoritização e construção do povo: reflexões sobre o surgimento evangélico na América do Sul*. 12º Encontro ABCP – Democracia & Desenvolvimento, 2020, p. 3-4.

“demonização do PT”¹⁷⁷. O ponto fundamental na construção da identidade daquele *povo* seria nomear o referido partido como seu inimigo. Para a criação de um povo é necessário que haja, como identificação entre membros do grupo, um *inimigo comum*, ou um “ódio comum de algo ou de alguém”¹⁷⁸. Lembrando aqui que povo é sempre, para Laclau, uma construção discursiva, e que não é, essencialmente, “relativo às áreas da fala e da escrita, mas quaisquer conjuntos de elementos nos quais as *relações* desempenham o papel constitutivo”¹⁷⁹.

O ano de 2014, em que o pastor Everaldo (PSC) candidatou-se à presidência da República, registrou também o descontentamento de grupos da Assembleia de Deus que esperavam eleger um presidente do mesmo segmento. Para Burity, diante de um ponto de vista simbólico, a candidatura do pastor Everaldo explicita a primeira articulação de um discurso neoconservador em termos econômicos, sociais e culturais e que já “passava por uma aproximação com Bolsonaro”¹⁸⁰ – que avançaria com um projeto populista em que o *antagonismo político* também seria realçado em discursos contendo elementos religiosos cristãos. Neste caso, os evangélicos se colocariam como mediadores para solução das crises econômica, política e moral, mas só teriam condições de assumirem a mudança se ocupassem cargos em poderes legítimos na democracia brasileira. A hipótese de Burity é que a construção da identidade pentecostal do “povo evangélico” na nação é “um efeito agonístico de uma conjuntura de ativação de uma nova subjetividade política (a partir dos anos 1980), um novo povo brasileiro pós-ditadura”¹⁸¹. Sua inserção na política profissional acentua as pautas morais e de comportamento como demandas urgentes a serem atendidas. E já que não são atendidas por governos de esquerda, torna-se necessário que se ocupe cargos políticos. Vejamos como funciona:



Quando existe uma demanda e um inimigo comum, há unidade de determinado grupo, seja ele numericamente expressivo ou não. E como se dá a construção de um povo hegemônico? Quando o terceiro quadro é articulado com outros grupos. Ou seja, quando as demandas passam a ser compartilhadas e o inimigo comum a todos. No caso dos evangélicos, em seu processo de ascensão, o discurso religioso articula uma identidade baseada no fator de crise moral e que o inimigo habita a esquerda política

¹⁷⁷ KOINONIA. *Eleições 2010*: pronunciamento da Aliança de Batistas do Brasil [online].

¹⁷⁸ Laclau (2018, p. 119) faz referência a Freud que entendia que o “traço que possibilita a mútua identificação entre membros do grupo é um ódio comum de algo ou de alguém”.

¹⁷⁹ LACLAU, 2018, p. 116.

¹⁸⁰ BURITY, 2020b, p. 6.

¹⁸¹ BURITY, 2020b, p. 8.

do país com suas pautas sobre direitos da comunidade LGBTQ+, descriminalização do aborto, cotas, ecologia, dentre outros temas.

3. Populismo do *Messias* (Bolsonaro) e a “libertação nacional”

Ao tratar sobre *O século do populismo*, Rosanvallon chama atenção para os líderes carismáticos:

As vitórias do populismo são também o sinal do esgotamento dos projetos progressistas. Globalmente, eles são, antes de tudo, a expressão do fim de um longo ciclo ideológico e político. Tudo isso, combinado com o talento dos líderes carismáticos que se apresentam como personalidades novas, explica os sucessos eleitorais. Mas os populistas podem também perder em seguida as eleições, pois suas promessas de renovação não são cumpridas.¹⁸²

Como justaposição, é possível enxergar parte da trajetória de Jair Messias Bolsonaro nesta citação. Seu populismo carrega a bandeira de renovação, que em seu projeto de governo ficou conhecido como “libertação”. Libertação que seria do legado do PT: ineficiência e corrupção. Seu movimento político trouxe ainda como bandeira a luta contra a corrupção, o acento na segurança pública e o uso constante do conceito de *verdade* a partir de sua relação teológica (a citação do evangelho de João 8,32) durante sua campanha e postagens em suas redes sociais.¹⁸³

Rocha e Visser, por exemplo, entendem que o aquele cenário das eleições de 2018 fora estabelecido por:

- a) brasileiros que não seguiam a “orientação consistente das atividades políticas por quadros ideológicos bem definidos”;
- b) “descensão social”; e,
- c) “antipetismo”.

Estes três aspectos dialogam com o *ciclo do refluxo*,

que se inicia pela reversão do ciclo da expansão e pela imposição de uma política de austeridade, eficiência, contenção de gastos, apelo a valores de mercado, congelamento das políticas sociais e da participação social e tentativas de ampliação do poder presidencial no âmbito de um neopopulismo de direita.¹⁸⁴

O *ciclo de expansão* que se refere o autor está situado entre anos 2003 a 2014; trata-se da alternância de poder e mudança em relação às elites políticas com manutenção da política econômica dos governos FHC, das políticas sociais e de participação social, dentre outros. Já o *ciclo do refluxo* tem seu início em 2015 e se aprofunda com o estímulo a políticas de caráter neoliberal e restrição de direitos

¹⁸² ROSANVALLON, 2021, p. 35.

¹⁸³ Cf. LELLIS, Nelson. O presidente pode misturar política e religião? O sistema político-teológico do Messias a partir da Série João 8:32. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, p. 19-33, 2020.

¹⁸⁴ ROCHA, Emerson Rocha; VISSER, Ricardo. A vitalidade mal compreendida: as classes populares e Bolsonaro. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 100-101, 110-111.

(mormente no que se refere aos direitos trabalhistas). Neste último ciclo, o país registra os dois principais temas presentes em manifestações: corrupção e crise econômica, que são interpretados como “herança maldita dos governos petistas”¹⁸⁵. O lavajatismo, termo que classifica a politização da Operação Lava-Jato (ou “narrativa política intelectualizada sobre corrupção”¹⁸⁶), torna-se o principal canal de propaganda contra a corrupção trazendo certa personificação da justiça no Brasil com os nomes do juiz Sérgio Moro e o procurador federal Deltan Dallagnol, compreendidos por parte da população como heróis nacionais.

Pesquisa realizada em novembro de 2015 pelo Instituto Datafolha divulgou que a *corrupção* era a principal preocupação dos brasileiros.¹⁸⁷ Em janeiro de 2018, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) encomendou pesquisa a *Retratos da Sociedade Brasileira* sobre a preocupação dos brasileiros e o resultado foi o seguinte: desemprego (56%), corrupção (55%), saúde (47%) e violência (38%). Em 2019, o Instituto Ipsos – que descreve a composição do cenário do ano das eleições – constatou que os maiores problemas enfrentados por brasileiros eram: violência (47%), saúde (46%), desemprego (39%) e corrupção (38%).¹⁸⁸ Em maio deste mesmo ano, 59% dos pesquisados afirmaram que a maior preocupação era a corrupção. Constata-se, portanto, que a *segurança* e o *combate à corrupção* são os temas que aparecem como destaque nessas pesquisas.

Um parêntese: a crise de confiança nas instituições e a complexidade do campo de representação política entre evangélicos com sua expectativa messiânica também perpassam o ambiente das eleições em 2018 demonstrando a metamorfose na esfera sócio-política com seus efeitos colaterais.

Durante a 55^a Legislatura, Bolsonaro, em 29 dos 142 discursos, dedicou-se ao tema da *Segurança* e 14 sobre *Corrupção*; 10 PL's acerca da *Segurança*. Seus discursos buscaram valorizar os agentes de segurança em operações policiais em detrimento da própria comunidade cujo centro da violência se estabelecia. Em análise, ele não apresentou, em sua última atuação como parlamentar, um projeto que articulasse mudanças estruturais no país.

O Plano de Governo¹⁸⁹ apresentado por Bolsonaro, mencionava positivamente a ditadura militar-empresarial iniciada em 1964, interpretada como operação contra os comunistas no Brasil; critica estatísticas do documentário “A guerra do Brasil”, da emissora Globo, que ocultaria as razões porque alguns estados nacionais e outros países tiveram diminuição ou aumento de violências e mortes. Na ótica dos responsáveis pelo Plano em questão, acreditava-se que “coincidentalmente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade”, e que a esquerda estaria mais “preocupada com as mortes associadas a ações policiais”. Bolsonaro afirmou que os homicídios ocorriam por criminosos e não por agentes da área de segurança, a quem

¹⁸⁵ MONTEIRO, Geraldo Tadeu. Bolsonaro e a sociologia da crise política brasileira. In: MONTEIRO, G.T.; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020, p. 177.

¹⁸⁶ ROCHA, VISSER, 2020, P. 119-120.

¹⁸⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. *Corrupção lidera pela primeira vez pauta de problemas do país*. DataFolha Instituto de Pesquisas, 30/11/2015 [online].

¹⁸⁸ INSTITUTO IPSOS. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br>.

¹⁸⁹ CAMINHO DA PROSPERIDADE, O. *Proposta de Plano de Governo*, 2018 [online].

denominava “heróis”. E propôs (terminando cada ponto com uma exclamação): investimento nas forças policiais; término de progressão de penas e saídas temporárias; redução da maioria penal para 16 anos; reformulação do Estatuto do Desarmamento, garantindo ao cidadão a legítima defesa para defender família e patrimônio; garantia do excludente de ilicitude ao policial no exercício de sua atividade profissional; tipificar como terrorismo as invasões em propriedades rurais e urbanas; retirar da CFB qualquer relativização da propriedade privada; priorizar as vítimas da violência redirecionando a política de direitos humanos. O Plano trouxe pesquisas do IBGE interpretando-as como sua crítica à esquerda – tema mais presente em seus discursos na 55ª Legislatura –, à imprensa, assim como a construção de uma guerra cultural.

O cenário de crise apresentado acima também traz como efeito a falta de confiança nas instituições democráticas. Portanto, a figura do populista que pudesse expressar a personificação da nação em relação aos seus anseios, venceria as eleições. Com a ausência do candidato do PT, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que aparecia em primeiro lugar nas pesquisas, devido seu julgamento em segunda instância e preso por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso de um *triplex* no Guarujá-SP, Bolsonaro (PSL) tornou-se ainda mais competitivo em relação ao seu principal oponente, Fernando Haddad (PT), que carregava em si a imagem de um partido marcado pela narrativa da corrupção. Além disso, Haddad jamais demonstrou os traquejos populistas vistos na trajetória do ex-presidente e nem mesmo se dirigiu aos brasileiros com *naturalidade* como seu oponente nas eleições de 2018.

O movimento político de Bolsonaro trazia como bandeira a luta contra a corrupção, o acento na segurança pública e o uso constante do conceito de verdade a partir de sua relação teológica (a citação do evangelho de João 8,32) durante sua campanha e postagens em suas redes sociais. Ele especifica seus adversários dentro de cada campo: a corrupção é causada por atores e partidos de esquerda; o problema da segurança pública passa pela necessidade de armamento da população e pela não valorização da polícia e suas ações em comunidades, bem como a interpretação de “comunistas” e “esquerdistas” sobre os Direitos Humanos, que contemplaria, na visão de Bolsonaro, apenas criminosos e não aos verdadeiros “heróis”; a defesa de pautas morais e de comportamento, privilegiadas por lideranças e parlamentares religiosos.

Analisei todas as suas 142 participações no plenário da Câmara dos Deputados durante seu último mandato como deputado. No primeiro ano de seu sétimo mandato no parlamento, foram 72 discursos. Destes, subiu ao plenário por 37 vezes para criticar a então presidente Dilma, ao ex-presidente Lula, ao PT, ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Foro de São Paulo, comunismo e ditadura comunista, a relação com Venezuela, Cuba e seus principais atores políticos. No segundo ano, a crítica a atores, partidos e movimentos de esquerda aparece em destaque em suas participações no plenário da Câmara. Desta vez, foram 32 (de 48). No terceiro ano, seu posicionamento quanto à esquerda (e aqui entra seu posicionamento contrário ao da esquerda quanto à propriedade privada) mantém-se em mais da metade de suas participações no plenário (13 de 21). No ano de 2018, Bolsonaro se pronunciou apenas uma vez no plenário. Neste único discurso, dois assuntos. O primeiro: sua preocupação com o julgamento pelo STF acerca do *Habeas*

Corpus do ex-presidente Lula, e que também deveria ser a preocupação de “90% dos brasileiros”. O segundo assunto, em conexão com o anterior, expressa sua preocupação com as eleições: “[...] *longe da teoria da conspiração* e respondendo um pouco a quem está à minha esquerda, eu respeito a democracia. [...] E, sem o *voto impresso* [...], ele [Lula] tem tudo na base da fraude para ganhar as eleições. É isso que nós não queremos”.¹⁹⁰

Analisei também todos os seus Projetos de Lei (PL's), que foram 31. Apenas um PL (4639/16) foi transformado na Lei Ordinária 13269/2016, na área da *Saúde*. Trata-se da autorização do uso da fosfoetanolamina sintética por pacientes diagnosticados com neoplasia maligna. Nem um outro PL foi aprovado.

Desta forma, percebemos que Bolsonaro foi eleito a partir de um discurso e de um *ethos* construídos desde os tempos de deputado em torno de dois temas populares, a *violência* e a *corrupção*. Na esteira do antipetismo e da Lava-Jato, ele aparece com um discurso de libertação que se faz pela postulação tipicamente populista, tal como mostrada por Rosanvallon: para Bolsonaro e seu séquito, sua participação na política aponta diretamente para o “homem-povo”, a encarnação da vontade do povo, cujas características dialogam diretamente com expressões e desejos de evangélicos em ascensão.

A tarefa de Bolsonaro não teria sido articular uma renovação política em sua base. Na verdade, ele se tornou um político sem estatuto partidário buscando personificar em si mesmo os interesses de um bloco da (extrema)direita. Suas convicções se aliaram ao cenário construído pelo discurso de uma elite religiosa, sobretudo evangélica, e passou a mobilizar estrategicamente suas pautas para a consagração de uma nação *teologizada*. Seu *carisma* (em termos weberianos) esteve vinculado largamente a grupos eclesiais que pregavam uma espécie de salvador da pátria, um garantidor dos direitos da família (e contrário às pautas LGBT+) e da vida (e contra a descriminalização do aborto), e abertura cada vez maior ao modelo cultural e submissão econômica estadunidense.

Ora, essa expressão populista, que não se enquadra em partidos a não ser que seja construído por si (como a tentativa do *Aliança Pelo Brasil*) é o que podemos indicar como a terceira fase da democracia, em que eleitores votam no indivíduo, no personagem, na capacidade do candidato em retirar da crise seu país. De certa forma, o populismo é uma forma degradada de uma demanda bem generalizada das democracias contemporâneas, que foi mostrada por Rosanvallon em *O Bom Governo*, por um poder executivo personalizado, próximo, interativo e “veraz”. O que o bolsonarismo e os populismos em geral fazem é capturar esta pervertendo-a, levando a uma destruição da própria possibilidade de um poder executivo baseado na “instituição invisível” dos laços da confiança.

4. Popu[lu]lismo – uma proposta de classificação

Lula cumpriu dois mandatos na presidência da república e ajudou a eleger sua sucessora Dilma Rousseff (PT) que foi, inclusive, reeleita sofrendo um impeachment (ou: golpe parlamentar) em 2016. Dilma (assim como Haddad) também não tinha o

¹⁹⁰ Banco de dados do autor.

perfil populista; isso demonstraria que o PT não tem a mesma força de representação da e na sociedade que o próprio Lula. De acordo com Rosanvallon:

A representação da sociedade era fácil de conceber com os partidos, pois eles eram justamente a emanção de realidades existentes bem definidas (a classe trabalhadora, o mundo camponês, os artesãos e os comerciantes, as comunidades religiosas etc.). As coisas se apresentam diferentemente com os movimentos populistas. Com efeito, eles são em primeiro lugar constituídos de maneira negativa, por uma adição de rejeições e de execrações. Mas eles são paralelamente confrontados ao caráter cada vez mais nebuloso do povo do qual pretendem ser os arautos. O declínio dos partidos políticos está ligado em parte a essa realidade. Eles não são apenas vítimas de seus arcaísmos e de sua ossificação: eles não encontram mais lugar numa sociedade que mudou radicalmente, uma sociedade na qual as condições sociais são mais fragmentadas.¹⁹¹

O que está em pauta não é outra coisa senão a *personalização do poder*. Dentre as transformações do governo representativo estudadas por Manin¹⁹² existe o tipo de governo da democracia de público, em que o eleitor vota no personagem. Este tipo contempla o presente momento de nossa história. Ou seja, as grandes organizações partidárias possuem cada vez menos a força de um elo comunicativo entre o líder e seus seguidores (eleitores), embora os partidos sejam imprescindíveis em uma democracia representativa. No entanto, o interesse do público está na aptidão do político. Além disso, as funções dos governos se expandiram muito, dificultando a apresentação de programas mais específicos. Por isso, o foco recai sobre as virtudes, as aptidões pessoais que um ator político possui para governar ou legislar. Dentro de um complexo campo onde a interação entre governos/nações é cada vez maior, as situações que surgem na sociedade são menos previsíveis. As demandas e as crises se avolumam. Diante das imprevisibilidades, eleitores buscam alguém cuja capacidade traga respostas substantivas.

Enquanto Bolsonaro construiu sua representatividade ligada a pautas frequentemente destacadas no meio conservador evangélico, Lula buscou a *representação-espelho*¹⁹³. Dois eventos que reforçam essa representação. O primeiro trata-se do discurso de Lula em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos (São Bernardo do Campo-SP) antes de se entregar à Polícia Federal:

¹⁹¹ Rosanvallon, 2021, p. 85-86.

¹⁹² Manin, 2008.

¹⁹³ Essa construção havia sido retratada por Rosanvallon (2021, p. 88) ao analisar a figura de Hugo Chávez na campanha presidencial de 2012 na Venezuela: “Quando eu os vejo quando vocês me veem, eu sinto, algo me diz: ‘Chávez, tu não és mais Chávez, tu és o povo’. Efetivamente, eu não sou mais eu, eu sou um povo e eu sou vocês, é assim que eu sinto, eu me encarnei em vocês. Eu disse e repito: ‘Nós somos milhões de Chávez; tu também és Chávez, mulher venezuelana; tu também és Chávez, soldado venezuelano; tu também és Chávez, pescador, agricultor, camponês, comerciante. Porque Chávez não sou mais eu. Chávez é todo um povo!’”.

E aquilo que a nossa pastora disse, e eu tenho dito em todo discurso, não adianta tentar de me impedir de andar por este país, porque tem milhões e milhões de Boulos, de Manuelas, de Dilmás Rousseffs neste país para andar por mim. Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês. [...] Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que você tem que fazer, e é todo dia! Todo dia! Eles têm de saber que a morte de um combatente não para a revolução. Eles têm de saber. [...] quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo e quantos mais dias eles me deixarem lá mais lulas vão nascer neste país e mais gente vai querer brigar neste país, porque numa democracia, não tem limite, não tem hora para a gente brigar.¹⁹⁴

A onda criada por este discurso desencadeou um movimento político e estético, com grupos de políticos apoiadores e eleitores utilizando máscaras com o rosto de Lula que, durante diferentes eventos e manifestações, declaravam: “Eu sou Lula!”¹⁹⁵. Todavia, o TSE suspendeu a inserção televisiva em que apareciam pessoas com a máscara de Lula exclamando a frase em questão (Imagem 1).

Imagem 1 – “Eu sou Lula”¹⁹⁶



¹⁹⁴ CONGRESSO EM FOCO. Veja íntegra do discurso do ex-presidente Lula antes de se entregar à PF em texto e vídeo. *Redação Congresso em Foco*, 08/04/2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/veja-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf-em-texto-e-video/>.

¹⁹⁵ Um site foi criado para que pessoas pudessem imprimir a máscara: LULA. “*Eu sou Lula!*” *Baixe a máscara de Lula*, 08/07/2018 [online].

¹⁹⁶ MOURA, Rafael Moraes. TSE suspende inserção de TV “Eu sou Lula” e impõe 5ª derrota ao PT. *UOL NOTÍCIAS – Eleições 2018*, 04/09/2018 [online].

O segundo momento foi a subida de Lula pela rampa do Planalto juntamente com diferentes representatividades da sociedade brasileira (Imagem 2). Eleito nas eleições de 2022 para assumir seu terceiro mandato, Lula recebeu a faixa presidencial de Aline Souza¹⁹⁷, presidente da Rede Centcoop (Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis).

Imagem 2 – Lula subindo a rampa do Planalto¹⁹⁸



Essa característica de *representação-espelho* em Lula não seria suficiente para pensá-lo enquanto político que abriga em sua história um expressivo diálogo com frentes que não se enquadrariam naqueles discursos das décadas de 1980-1990. Em minha interpretação, Lula permite pensar numa categoria que, até onde sei, seria inédita: o *popululismo*. Um populismo de esquerda, com uma base histórica contendo aspectos de um partido de massas (PT), mas que permite arriscar análises mediante o personalismo de poder¹⁹⁹ (fenômeno do lulismo²⁰⁰, em que eleitores de Lula não necessariamente possuem algum tipo de ligação com o PT ou com a esquerda, antes, são sujeitos que buscam outros meios para se organizarem politicamente).

Anteriormente, a ideia de povo tinha, em plataforma marxiana, um forte apego às classes sociais. Lula sempre fez questão de manter presente esse tema em seus discursos como ideal político. Em praticamente todas as suas entrevistas após sua

¹⁹⁷ Aline também é responsável pela Secretaria Nacional da Mulher e Juventude da Unicatadores, bem como beneficiária do programa Minha Casa Minha Vida desde 2009 – programa que foi iniciativa do governo Lula no mesmo ano.

¹⁹⁸ O GLOBO. Lula sobe rampa do Planalto com representantes do povo brasileiro; saiba quem são e quem entregou a faixa. *Redação O Globo*, 01/01/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/01/lula-sobe-rampa-do-planalto-acompanhado-de-catadora-metalurgico-pessoa-com-deficiencia-e-indigena-saiba-quem-sao.ghtml>.

¹⁹⁹ Manin, 2008.

²⁰⁰ SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 85, p. 83-102, 2009.

saída da prisão, por exemplo, as palavras “povo”, “pobre” e “fome” ajuda(ra)m a construir esse elo na sociedade brasileira que volta agressivamente ao mapa da fome. Contudo, é sabido, que Lula venceu as eleições em 2002 apenas quando inseriu em seus discursos os empresários e banqueiros, grupos que outrora eram classificados como “inimigos”, “opressores”, “adversários” do PT. O diálogo com esses grupos durante seus dois primeiros mandatos permitiu que Lula avançasse em seus projetos, mas também o impediu de consolidá-los como um legado. No entanto, além de retomar às palavras-chave que o identificam com a sociedade, diante de conflitos no espaço público, e diante da fragmentação da sociedade, outros temas precisariam ser incorporados com mais intensidade: questões de gênero e de cor, pluralidade religiosa na complexidade do Estado laico (sem deixar de lado o *foco* nos evangélicos), povos indígenas, ecologia, Direitos Humanos etc. Em outras palavras, um aceno mais atento às pautas identitárias do que às classes sociais.

Lula parece agregar um fator, dentre outros, que fortalece sua imagem pós-prisão: seu carisma de rede. O que seria isso? Além do discurso, suas redes sociais, antes das eleições de 2022, divulgavam imagens e frases que buscavam apresentá-lo como o político a ser resgatado no cenário nacional para retomar o que foi perdido no governo Bolsonaro. Ao mesmo tempo que este fator chamava a atenção de eleitores, também era interpretado negativamente. Ou seja, o que foi perdido foi perdido porque não tinha raízes profundas para se sustentar.

O popululismo seria exatamente as alianças que consagraram os governos do PT, que provavelmente sem as quais não seria possível realizar mudanças, ainda que graduais e conservadoras²⁰¹, na educação, na saúde, na distribuição de renda, mas que são frágeis em suas estruturas e sem demonstração de radicalidade nos processos de inclusão social. Popululismo seria, paradoxalmente, a ação emergencial e substantiva no país sem considerar a politização das classes e sobre classes; o projeto de retirada de um bolsonarismo para um governo jogando em duas frentes, falando a linguagem popular, mas governando para as oligarquias de sempre. Tudo isso reforça a imagem do popululismo preso na personalidade carismática de seu líder, que superaria a própria força do partido político.

Com isso, a categoria de análise que aqui proponho pode ser revisada, encorpada, discutida, alinhada, criticada, uma vez que tais categorias não são estáticas e as novas construções sócio-políticas – com seus eventos – podem refazer o seu quadro de características. Contudo, a arquitetura do popululismo estaria construída sobre três alicerces: a) apesar de sua estrutura partidária histórica presente, uma forte imagem do personalismo de poder impõe-se em épocas de eleição e de simbolismo político nacional e internacional; b) o elo com oligarquias e negociações com grupos não tão bem definidos ideologicamente, como o *centrão* (conjunto de partidos políticos); c) seu discurso que apensa diferentes grupos identitários, buscando reposicionar o sentido de classes e subalternidade.

Quanto à primeira característica, o início desta seção já demonstrou as questões teóricas que lançam luz sobre o cenário político cada vez mais personalista. O segundo alicerce demonstra que a demanda de um governo, que seja efetivamente progressista

²⁰¹ SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

em termos de cultura e práticas democráticas, não pode abrir mão do diálogo com os grupos dominantes, uma vez que no Brasil ainda é impossível chegar ao poder e governar sem as oligarquias.

Um outro diálogo que se mostra cada vez mais ativo é com a religião. Mauro Lopes chegou a organizar um livro pela Editora 247 que indica essa ligação: “Lula e a espiritualidade: oração, meditação e militância”. O livro é o resultado de correspondências entre o ex-presidente, no período de seu “cárcere” em Curitiba, e Lopes o faz lembrar a figura do apóstolo Paulo ao se corresponder da prisão. Para além da literatura, o PT reforça o contato com evangélicos através de encontros em que se afirma que “Lula foi para a comunidade evangélica o melhor presidente”²⁰². Essa aproximação fez com que se criasse um Núcleo de Evangélicos do PT, cujo objetivo é afirmar a defesa do Estado laico, fortalecer espaços de atuação e

formação de evangélicas e evangélicos, filiadas, filiados e simpatizantes ao PT; apoiar, participar e dialogar com movimentos sociais; criar espaços de acolhimento, inclusão e afeto para todas as pessoas, especialmente aquelas em sofrimento; e contribuir na construção de modos de leitura e de interpretação da Bíblia, a Palavra de Deus, que nos capacitem para atuarmos, conforme a sabedoria do Espírito e os ensinamentos de Cristo, desenvolvendo práticas libertárias, inclusivas e plurais em nossas comunidades de fé e no mundo.²⁰³

Trata-se não apenas de um movimento entre evangélicos, mas de uma escola para se criar uma percepção da sociedade mediante teologia considerada progressista. Este é um outro ponto complexo desse grupo sob o popululismo: o uso de argumentos religiosos para substancializar a causa política. Por outro lado, surge como uma emergência para que o partido retorne às bases. Esse “nós” (evangélicos reconhecidos como progressistas) versus “eles” (evangélicos conservadores/fundamentalistas) não parte exclusivamente de Lula, mas de seus seguidores ligados a pautas identitárias – o terceiro alicerce da categoria em questão. Levantamentos realizados por grupos de pesquisas, como o Instituto de Estudos da Religião (ISER)²⁰⁴, demonstram como o perfil confessional tem assumido grandes setores da política profissional, demonstrando uma heteroidentificação institucional, mas também de desinstitucionalização religiosa – o que reforça grupos com pautas identitárias deflagrando cada vez mais a sociedade de indivíduos e o enfraquecimento da discussão sobre classes.

Conclusão

Os evangélicos têm ganhado força e representatividade na política brasileira desde a redemocratização do país em 1985. Tal movimento tem relação com o crescimento deste segmento, mas também seu interesse em defender pautas que lhes são caras no setor da política profissional. A criação de uma agenda nacional que contemple satisfatoriamente uma identidade confessional destacando um povo-

²⁰² PT. 1º Encontro de evangélicos do PT aos militantes e simpatizantes. *Notícias do PT*, 05/04/2019 [online].

²⁰³ PT, 05/04/2019 [online].

²⁰⁴ ISER. *BANCO DE DADOS - 57ª LEGISLATURA - Câmara dos Deputados - Eleitos* – ISER [online].

evangélico, teve grande espaço no governo de Bolsonaro. Embora católico, soube desenvolver, junto a lideranças de importantes corporações evangélicas, uma narrativa de “homem-povo-de-Deus” defendendo pautas como “família”, em detrimento dos direitos da comunidade LGBT+ e contra a chamada “ideologia de gênero”; “vida desde sua concepção”, desconsiderando a descriminalização do aborto; “segurança”, estimulando a promoção de leis sobre a importância do *cidadão de bem* obter legalmente sua arma de fogo para defesa de sua família; a “liberdade religiosa e de expressão”, cujo maior inimigo seria o comunismo (ou, por outro lado, o “marxismo cultural”), visto como responsável por ditaduras e pela perseguição aos crentes.

Tanto Bolsonaro quanto Lula demonstraram interesse em conquistar o apoio de evangélicos, ora com discursivos contendo expressões religiosas, presença em eventos, promessas e identificação com suas pautas, ora com criação de grupos para dialogar diretamente com esses eleitores. A diferença do discurso e da dinâmica criativa para esta conexão e apoio político é que o *popululismo* – ao contrário do bolsonarismo – parece oferecer maior abertura na esfera democrática, o que não configura a ausência de riscos, uma vez que sua forma de governar não explicita radicalidade para melhor fundamentar os processos de inclusão social. O personalismo de poder é a tentativa de incorporar a imagem de um salvador da pátria, e parece-nos que os estatutos partidários são cada vez mais enfraquecidos pelas demandas trazidas por grupos fragmentados da sociedade. Não sendo os partidos suficientes, ganha o político com maior carisma, com maior projeção para se tornar um “homem-povo”.

Este artigo, portanto, buscou descrever o caminho percorrido a partir do crescimento de evangélicos e o interesse do executivo populista que, enxergando a potência da conjugação tradição religiosa/bíblia para criação de uma narrativa política, desdobra-se para promover a garantia de sua presença do poder. E a tarefa de entender e atender às demandas desse segmento não cabe(rá) em outra roupa senão no estilo populista de ser. O Brasil parece não permitir avançar sem um personagem carismático-populista. Há sempre um risco nesse campo paradoxal. Lembrando as palavras de Rancière (2006, p. 80), e lançando-as como provocação, populismo é “governar sem política”²⁰⁵? E o popululismo, arrisco, consegue fazer emergir ainda mais os grandes e oferecer melhores condições aos pequenos, todavia, em sua ausência no poder, prevalecem os grandes, uma vez que seus governos anteriores já demonstraram insuficiência de um legado.

Referências

BURITY, Joanildo. Prólogo. In: PANOTTO, Nicolás. *Religiões, política e Estado laico: novas abordagens para o contexto latino-americano*. São Paulo: Recriar, 2020a, p. 5-10.

BURITY, Joanildo. *Minoritização e construção do povo: reflexões sobre o surgimento evangélico na América do Sul*. 12º Encontro ABCP – Democracia & Desenvolvimento, p. 1-20, 2020b, p. 1-20.

²⁰⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Hatred of democracy*. Londres: Verso, 2006, p. 80.



BRAGA, Mário. *Evangélicos crescem 45% entre eleições de 2010 e 2014*. Exame, 01/08/2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/evangelicos-crescem-45-entre-eleicoes-de-2010-e-2014/>

CAMINHO DA PROSPERIDADE, O. *Proposta de Plano de Governo*, 2018. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf](https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf).

CONGRESSO EM FOCO. Veja íntegra do discurso do ex-presidente Lula antes de se entregar à PF em texto e vídeo. *Redação Congresso em Foco*, 08/04/2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/veja-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf-em-texto-e-video/>

CUNHA, Magali. *Nem a Bancada Evangélica resiste ao vendaval*. Carta Capital, 09/10/2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/nem-a-bancada-evangelica-resiste-ao-vendaval/>.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ASSESSORIA PARLAMENTAR. *Eleições 2018: Bancada Evangélica cresce na Câmara e no Senado*, 2018. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/28532-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Corrupção lidera pela primeira vez pauta de problemas do país*. DataFolha Instituto de Pesquisas, 30/11/2015. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/11/1712972-corrupcao-lidera-pela-primeira-vez-pauta-de-problemas-do-pais.shtml>

FONSECA, Nathalia. *As igrejas que dominam a nova ala evangélica na Câmara*. Agência Pública, 02/02/2023. Disponível em: <https://apublica.org/2023/02/as-igrejas-que-dominam-a-nova-ala-evangelica-na-camara/>.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espirtas-sem-religiao&view=noticia>.

INSTITUTO IPSOS. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br>.

ISER. *BANCO DE DADOS - 57ª LEGISLATURA - Câmara dos Deputados - Eleitos - ISER*. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1PHKg_hQ5imp81SYcyVevSCdH3PNj1u30SMpEiYOk1y8/edit#gid=529573698.

KOINONIA. *Eleições 2010: pronunciamento da Aliança de Batistas do Brasil*. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=421&cod_boletim=23&tipo=Artigos.

LACLAU, Ernerto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

LELLIS, Nelson. À espera de um novo messias? Diferentes níveis de engajamento sociopolítico da igreja. In: ALVARENGA, Leonardo; LEÃO, Luís. *Evangélicos de ponta cabeça*. São Paulo: Ed. Recriar, 2021, p. 179-202.

LELLIS, Nelson. O presidente pode misturar política e religião? O sistema político-teológico do Messias a partir da Série João 8:32. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 46, p. 19-33, 2020.

LULA. “Eu sou Lula!” *Baixe a máscara de Lula*, 08/07/2018. Disponível em: <https://lula.com.br/eu-sou-lula-baixe-a-mascara-de-lula/>.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MANIN, Bernand. *Los principios del gobierno representativo*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. *Democracia e Representação: territórios em disputa*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

MONTEIRO, Geraldo Tadeu. Bolsonaro e a sociologia da crise política brasileira. In: MONTEIRO, G.T.; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, p. 162-190, 2020.

MOURA, Rafael Moraes. TSE suspende inserção de TV “Eu sou Lula” e impõe 5ª derrota ao PT. *UOL NOTÍCIAS – Eleições 2018*, 04/09/2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/09/04/tse-suspende-insercao-de-tv-eu-sou-lula-e-impoe-5-derrota-ao-pt.htm>>

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *A democracia desafiada: recompor a política para um futuro incerto*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2023.

O GLOBO. Lula sobe rampa do Planalto com representantes do povo brasileiro; saiba quem são e quem entregou a faixa. *Redação O Globo*, 01/01/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/01/lula-sobe-rampa-do-planalto-acompanhado-de-catadora-metalurgico-pessoa-com-deficiencia-e-indigena-saiba-quem-sao.ghtml>.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo soc.*, v. 29, p. 187-214, 2017.

PT. 1º Encontro de evangélicos do PT aos militantes e simpatizantes. *Notícias do PT*, 05/04/2019. Disponível em: <https://pt.org.br/1o-encontro-de-evangelicos-e-evangelicas-do-pt-acontece-nesta-sexta/>

RANCIÈRE, Jacques. *Hatred of democracy*. Londres: Verso, 2006.

RIVERA, Paulo Barrera; FIDALGO, Douglas. Patrimonialismo pentecostal: novo patamar das relações entre religião e política no Brasil recente. *Estudos de Religião*, v. 33, p. 77-99, 2019.



ROCHA, Emerson Rocha; VISSER, Ricardo. “A vitalidade mal compreendida: as classes populares e Bolsonaro. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (orgs). *Bolsonarismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, p. 98-122, 2020.

ROSANVALLON, Pierre. *O século do populismo: história, teoria, crítica*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2021.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 85, p. 83-102, 2009.

TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL – *Eleições*. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-anteriores>.